

# ORIGEM E EVOLUÇÃO DA AGLOMERAÇÃO DE EMPRESAS FABRICANTES DE FILTROS DE ÁGUA EM JABOTICABAL-SP, 1920-2005

Julio Cesar Bellingieri<sup>1</sup>

## Introdução

No Brasil, até o final do século XIX, não existia uma preocupação sistemática com a qualidade da água que se bebia nas residências. No Estado de São Paulo, principalmente no interior, a obtenção de água para beber dava-se através da ida a rios e riachos, e manutenção de poços e cisternas ao lado das residências. Nas cidades maiores, incluindo a Capital, São Paulo, água para beber era obtida em bicas e chafarizes, espalhados pela cidade.

A partir dos últimos anos do século XIX e princípios do XX, com o crescimento das cidades e o aumento do índice de urbanização, provocando doenças e epidemias causadas pelo consumo de água poluída, começaram a surgir diversos equipamentos e utensílios domésticos que filtravam a água, como os populares filtros de metal Berkefeld e Pasteur, e até mesmo filtros feitos de pedra porosa. Mas estes aparelhos eram importados e usados por uma parcela muito pequena da população.

A partir da década de 1910, algumas cerâmicas, de propriedade de imigrantes portugueses e italianos, passaram a fabricar velas filtrantes, acoplando-as às talhas de cerâmica que produziam. Embora já houvesse a fabricação de elementos filtrantes (velas) em outros países, e embora o uso da talha cerâmica como recipiente de água fosse uma prática que remontava ao início da civilização, esses dois elementos somente naquela época passariam a ser combinados, dando origem a um novo produto, o filtro de água (de cerâmica). Com matérias-primas nacionais, conseguiu-se desenvolver um produto substituto aos aparelhos filtrantes importados, inventando-se um produto tipicamente brasileiro, um dos primeiros bens de consumo da indústria nacional.<sup>2</sup>

A partir da década de 1930, surgiram várias empresas especializadas na fabricação de filtros, em escala, e o uso do produto difundiu-se pelo País, tornando-se o principal (e único) equipamento de filtragem doméstica de água, presente em grande parte das residências brasileiras.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Econômica (UNESP, Araraquara-SP); docente da Faculdade São Luís (Jaboticabal-SP) e das Faculdades Integradas Fafibe (Bebedouro-SP). E-Mail: julio@asbyte.com.br.

<sup>2</sup> Sobre o surgimento e a difusão do uso do filtro de água no Brasil, ver Bellingieri (2004).

Foi em Jaboticabal, interior de São Paulo, que as empresas produtoras de filtros de água obtiveram maior êxito. O município concentra o maior número de empresas cerâmicas produtoras de filtros, no Brasil. Em março de 2005, existiam 24 empresas produzindo filtros, velas filtrantes, talhas, etc., as quais comercializavam seus produtos em todo o País e no exterior. A aglomeração de empresas de Jaboticabal representa cerca de  $\frac{1}{4}$  da indústria brasileira de filtros de água, em quantidade de empresas, e cerca de  $\frac{2}{3}$  em produção.

O objetivo deste artigo é compreender as causas do surgimento da aglomeração de empresas produtoras de filtros de água em Jaboticabal, bem como caracterizar as suas diferentes fases históricas, entre 1920 e 2005.

O artigo busca responder às seguintes perguntas: O que determinou a instalação das primeiras empresas fabricantes de filtros em Jaboticabal? Por que nesse município se constituiu uma aglomeração de empresas de filtros, a maior do País? Quais as fases históricas pelas quais essa aglomeração passou, entre 1920 e 2005? Qual a relevância do conjunto das empresas de Jaboticabal para a indústria brasileira de filtros de água, na atualidade?

Este estudo justifica-se por ser a aglomeração de Jaboticabal uma das mais antigas do Estado, remontada ao início do século XX; seu nascimento está fortemente vinculado ao surgimento do próprio filtro de água no Brasil, ou seja, as primeiras empresas de Jaboticabal foram decisivamente responsáveis pela difusão e generalização do uso deste produto nas residências paulistas e brasileiras (BELLINGIERI, 2004). Além disso, é interessante caracterizar essa aglomeração, pois ela mostrou-se um exemplo preciso das idéias de Alfred Marshall (1982) a respeito das causas da “indústria localizada” (o que leva uma indústria especializada a se concentrar em certa localidade).

Alguns conceitos serão utilizados ao longo de todo o artigo, e a sua definição objetiva se faz necessária para a compreensão do trabalho.

Define-se a cerâmica como qualquer material inorgânico, não-metálico, obtido após tratamento térmico em temperaturas elevadas. São várias as matérias-primas das quais se podem produzir artigos cerâmicos. A principal delas é a argila, um material natural, terroso e fino que, ao ser misturado com água, adquire certa plasticidade, tornando-se fácil de ser moldado. Depois de moldado, o objeto é seco e, em seguida, cozido em alta temperatura, de onde resulta o produto acabado (ANUÁRIO BRASILEIRO DE CERÂMICA, 2002).

Define-se aqui o filtro de água como um conjunto de dois recipientes de cerâmica, equipado com uma ou mais velas filtrantes, e dotado de uma torneira no recipiente inferior.

A vela é uma peça oca e cilíndrica, feita de material poroso, cuja função é reter partículas e bactérias presentes na água. Embora o elemento responsável por filtrar a água seja, obviamente, apenas a vela, é comum designar o “filtro” como todo o conjunto (recipientes cerâmicos + velas + torneira). Assim, chama-se de vela o elemento filtrante, e de filtro de água os recipientes de cerâmica equipados com velas. O filtro de água é um filtro de gravidade: a água a ser filtrada passa através da vela e goteja do recipiente superior para o inferior do filtro, ficando ali armazenada para o consumo.

Neste artigo, o segmento da indústria cerâmica que produz filtros, será denominado de indústria de filtros de água. Assim, a indústria brasileira de filtros de água significa o conjunto das empresas cerâmicas que fabrica esse produto, no Brasil.

### **1. As primeiras empresas fabricantes de filtros de água em Jaboticabal: o nascimento de uma aglomeração (1920-1952)**

Embora Jaboticabal tenha sido fundada em 1828, foi apenas a partir do último quartel do século XIX, por meio da expansão cafeeira para o Oeste Paulista, que o Município recebeu impulso para o crescimento de sua população e para o florescimento de atividades de comércio e indústria.<sup>3</sup> Durante as três primeiras décadas do século XX, Jaboticabal foi um dos mais importantes municípios cafeeiros do Estado. Em 1915-16, por exemplo, era o 6º em produção de café e o 4º em número de pés de café, atrás de Ribeirão Preto, Campinas e São Carlos (PICCAROLO; FINOCCHI, 1918, p. 20).

Todavia, a derrocada da economia cafeeira, a partir do final da década de 1920, causou um profundo abalo na estrutura econômica e política de Jaboticabal, gerando uma estagnação da economia municipal comparativamente aos demais municípios do Estado, no que diz respeito à atividade industrial (SÃO PAULO. Estatística Industrial, 1930-39).

Dentre os ramos industriais que adquiriram relevância no valor da produção do município a partir de 1930, pode-se citar o metalúrgico, o de massas alimentícias, o químico-farmacêutico e o cerâmico. Este último era composto por várias olarias e algumas fábricas de louças de barro; em 1939, representava 4% do valor da produção industrial de Jaboticabal e, em 1959, 8,7% da produção (JABOTICABAL. Relatório Estatístico, 1939; JABOTICABAL. Anuário do Município de Jaboticabal, 1962).

---

<sup>3</sup> Jaboticabal está localizada na região Nordeste do Estado de São Paulo, a 60 km de Ribeirão Preto e a 356 km da Capital; possui cerca de 70.000 habitantes (2005).

Jaboticabal, desde os primórdios de sua evolução, sempre apresentou atividades relacionadas à cerâmica. A localização geográfica do município foi fator fundamental para isso, uma vez que ele está a 13 quilômetros da margem esquerda do Rio Mogi Guaçu, dotado de uma abundante jazida de argila, além de existirem diversos córregos ao redor da cidade (Rico, Mico, Tijuco, etc.) também utilizados para a obtenção desta matéria-prima. O “Diccionario Geographico do Brazil” de 1896 fazia referência à boa qualidade da argila existente nas redondezas da cidade: “Em parte alguma da prov. encontra-se melhor barro para o fabrico de telhas, tijolos e vasos de todas as sortes; em certos pontos é a argilla tão liguenta e sonora que antigamente era empregada no fabrico de sinos para egrejas” (PINTO, 1896).

Os livros de “Lançamentos do Imposto de Indústria e Profissões da Câmara Municipal de Jaboticabal” indicam, desde 1901, a existência de inúmeras olarias na cidade, sendo que a quase totalidade delas localizava-se em áreas próximas de onde era possível extrair-se argila, ou seja, brejos, rios e ribeirões.

O primeiro estabelecimento, em Jaboticabal, classificado como fábrica de louças de barro, surgiu em 1910, e era de propriedade dos “Irmãos Valdambri” (Amadeu e Guerreiro), imigrantes italianos. Esta empresa fabricava diversos tipos de produtos e possuía um forno e dois tornos para a moldagem da argila:

*A fabricação maior do estabelecimento é a de manilhas de 3, 4 e 6 pollegadas e caixas de descarga para exgottos. [...] Recipientes de formas variadissimas, vasilhame diverso fabrica o estabelecimento com pericia e habilidade: desde chcaras de barro envernizado para café, até grandes vasos vidrados para ornamentação de platibandas dos edificios, vimos fabricados pelos srs Valdambri dezenas de modelos e profusos objectos: vasos, talhas, moringas, jarras, columnas, canecas, gallos, porta-vasos, pratos, bules, assadeiras, potes, cassarolas, mealheiras, moringas e talhas de figuras e aves, envernizados, vidrados ou pintados com muita arte (ESTABELECIMENTO CERÂMICO..., 1922, p. 01).*

A segunda fábrica de louças de barro foi a Companhia Cerâmica Moderna, de propriedade de Lino Finocchi e dos irmãos Giuseppe e Lourenço Zaccaro, estes últimos imigrantes chegados da Itália em 1901.

Uma reportagem do jornal “O Democrata”, de 16 de março de 1913, descreveu uma visita de autoridades políticas da cidade para observar os trabalhos de instalação da fábrica. “Os visitantes receberam ótima impressão dos trabalhos que ali se estão realizando para aproveitamento da força motora proporcionada pelo ribeirão Tijuco, assim como constataram a abundância da matéria-prima” (O DEMOCRATA, 16 mar. 1913, p. 1).

Em 1914, a empresa já estava funcionando, constando como “olaria de tijolos” nos livros de Lançamentos do Imposto de Indústria e Profissões de Jaboticabal. No início da década de 1920, a empresa fabricava “louças de barro, telhas systema francez, canos para exgottos”, de acordo com Lapri ([1922?], p. 127).

*Cerâmica Lamparelli: a difusão do filtro de água no interior e as bases para a aglomeração das empresas produtoras de filtros em Jaboticabal*<sup>4</sup>

A Cerâmica Lamparelli, pequena empresa que funcionou entre 1920 e 1947, representou um dos marcos iniciais da difusão do filtro de água no interior de São Paulo, além de ter sido a empresa pioneira na fabricação de filtros em Jaboticabal, abrindo caminho para outras empresas produtoras de filtros na cidade.

Victor Lamparelli veio da Itália ao Brasil com seis anos de idade, junto com seus pais, que eram ceramistas. Em 1919, com 22 anos, Lamparelli casou-se e resolveu deixar Itobi-SP, onde morava, e seguir para Jaboticabal, pois tinha interesse em abrir sua própria cerâmica, e tinha a informação (incorreta) de que, no Córrego do Tijuco, próximo à cidade, havia uma jazida de “barro branco”. Talvez a informação de que já existiam por lá empresas cerâmicas bem-sucedidas (como a Cerâmica Moderna) possa ter estimulado Lamparelli a se mudar.

Sem recursos financeiros, Lamparelli conseguiu emprego na própria Cerâmica Moderna, logo se tornando o principal funcionário da empresa. Em 1920, os proprietários da empresa resolveram abandonar as atividades ceramistas, e a Cerâmica Moderna foi oferecida a ele. Lamparelli então se aproveitou de alguns equipamentos (tornos e peças) e deu prosseguimento às atividades da empresa, agora sob sua propriedade, e denominada Cerâmica Lamparelli.

O novo empresário continuou a fabricar os mesmos produtos, mas aos poucos introduziu outros. No mesmo ano de 1920, iniciou a produção daquilo a que chamou de “filtro reto”: dois recipientes de argila equipados com um “disco filtrante”, que era uma massa porosa e achatada em forma de pizza, feita de uma mistura de barro, carvão e outros componentes.

Em 1928, a Cerâmica Lamparelli possuía uma gama de produtos bastante diversificada: manilhas, vasos, pratos, tigelas, travessas, panelas, caçarolas, jarras, canecas,

---

<sup>4</sup> Esta seção está baseada em Bellingieri (2003).

garrações, moringas, potes, sifões, além de três tipos de talhas, denominadas Santa Terezinha, Paulista e Fiel. A matéria-prima, argila, era retirada da margem do Rio Mogi Guaçu e do Córrego do Tijuco, próximos à zona urbana da cidade.

Mas o produto responsável pelo maior crescimento da empresa foi o Filtro São João. Por volta de 1926-28, depois de algumas experiências, Lamparelli conseguiu desenvolver um tipo de vela capaz de filtrar a água com muito mais eficiência do que o “disco filtrante”. Acoplou essa vela a dois recipientes de cerâmica, e lançou o Filtro São João.



**Figura 1.** À esquerda, uma réplica do primeiro Filtro São João; à direita, uma réplica de um Filtro São João dos anos de 1940, com o reservatório superior seccionado, para a visualização da vela filtrante.

A vela tratava-se de um cilindro fechado (em formato de vela) composto de uma mistura de caulim, carvão e outras substâncias, parafusada com duas arruelas de borracha a uma chapa de ferro cromada, a qual, por sua vez, era pregada com cimento entre os dois reservatórios do filtro.

O Filtro São João levava uma torneira de metal cromado, pregada com breu e cera. Posteriormente, ela passou a ser parafusada com duas arruelas de borracha. O produto tinha quatro tamanhos diferentes, identificados por números. O filtro número 4, o maior, tinha 72 centímetros de altura e capacidade para cerca de 10 litros de água.

O processo de produção do filtro era essencialmente artesanal: o ceramista colocava um pedaço de argila limpa e tratada sobre um torno, e moldava com as mãos os reservatórios do filtro. Em seguida, depois de secos, estes eram levados para um forno à lenha, onde seriam queimados a uma temperatura aproximada de 1.000°C. Depois disso, os reservatórios eram pintados, colocavam-se as velas e fixava-se a torneira.

O período que vai de aproximadamente 1926 até o início dos anos de 1940, foi o de maior expansão da Cerâmica Lamparelli. Com a aquisição de dois caminhões, em 1925 e em 1927, a empresa pôde buscar novos mercados em vários municípios da região. Até então, as entregas para outras cidades eram feitas por via ferroviária, o que limitava o mercado às cidades atendidas pela ferrovia. Os maiores mercados da empresa constituíam o chamado “sertão de Rio Preto”, Catanduva, Taquaritinga, Monte Alto, Guariba, Matão, Araraquara, Casa Branca, Avaré, Ribeirão Preto (todos em São Paulo) e também algumas cidades do Estado de Goiás e a região do Triângulo Mineiro.

Em 1936, Lamparelli comprou uma área de 27 alqueires, à margem esquerda do Rio Mogi Guaçu, passando a ter uma fonte exclusiva das abundantes jazidas de argila de boa qualidade daquela área. Em 1947, depois de dificuldades causadas pela II Guerra Mundial, perdeu o interesse pela empresa, vendendo-a para quatro jovens irmãos da família Stéfani.

#### *Outras empresas produtoras de filtros em Jaboticabal*<sup>5</sup>

Depois da Cerâmica Lamparelli, outras empresas iniciaram a produção de filtros no município de Jaboticabal. A partir da década de 1930, a “Amadeu Valdambri”, fabricante de manilhas, talhas e moringas, também passou a produzir filtros de água, com a marca “Irmãos Valdambri”, embora o elemento filtrante não fosse produzido pela empresa.

Em 1928, surgiram outras duas fábricas de louças de barro: uma, de propriedade de Fortunato Della Libera, mas que fechou já em 1929 ou 1930; outra, de Jayme Rosário, um imigrante português. Não se conhece quase nada a respeito destas empresas, inclusive se fabricavam ou não filtros de água.

Em 1929, Jayme Rosário associou-se a outro português, João de Oliveira Souza, criando a Jayme Rosário & Souza, produzindo filtros de água. Esta sociedade existiu até 1934, quando foi encerrada e os sócios separaram-se, cada um deles fundando imediatamente duas outras cerâmicas.

A primeira delas, Santo Antônio Produtos Cerâmicos, de João de Oliveira Souza, passou a produzir o Filtro Santo Antônio. Não se sabe que tipo de filtro era esse, e se o elemento filtrante era produzido na própria empresa. Também não se pôde precisar quando exatamente a empresa iniciou a produção de filtros, mas, segundo as entrevistas, isso ocorreu logo nos primeiros anos de seu funcionamento. De acordo com a “Estatística Industrial”, em 1934, essa empresa possuía um capital de 2:000\$000 e três operários. Ao

longo dos anos, a cerâmica foi crescendo e tinha, em 1937, um capital de 20:000\$000 e dez operários.

A outra empresa, denominada Rosário & Pintos Ltda., foi constituída por Jayme Rosário e por dois irmãos, Joaquim Fernandes Pinto e João Fernandes Pinto, os quais haviam se casado com as duas filhas de Jayme Rosário.

Joaquim Pinto e João Pinto eram imigrantes portugueses, chegados ao Brasil em 1930, cujo pai era ceramista em Portugal. Os irmãos foram para a cidade de Araraquara e trabalharam numa pequena cerâmica, denominada Santa Cruz. Começaram a fabricar filtros de água nessa cerâmica, em 1933. Quando se mudaram para Jaboticabal e se associaram ao sogro, lançaram o Filtro Redentor, nome escolhido em alusão à estátua de um Cristo Redentor, existente em Araraquara. De acordo com Joaquim Pinto, o motivo de terem se posto a fabricar filtros foi porque “a população já usava água filtrada”.

Em 1949, a Cerâmica Rosário & Pintos Ltda. foi desmembrada, originando duas novas empresas, a Jayme Rosário e a Irmãos Pinto Ltda., esta de propriedade apenas dos irmãos João e Joaquim Pinto, os quais continuaram a produzir o Filtro Redentor. A Jayme Rosário também passou a fabricar filtros, mas não foi possível identificar a marca.

Em 1952, os irmãos Lúcio, Luís e Divino Zeoula, filhos de imigrantes italianos ceramistas e ex-funcionários da Cerâmica Santo Antônio, fundaram a Cerâmica Nossa Senhora Aparecida. A idéia de produzir filtros veio por sugestão de um amigo viajante comercial, o qual percebia, nas várias cidades, uma demanda potencial por filtros de Jaboticabal, com “fama” de terem boa qualidade. Assim, por volta de 1953, a empresa lançou o Filtro São Jorge. Esta cerâmica, assim como as mencionadas acima, utilizava como matéria-prima a argila retirada do Rio Mogi Guaçu.

Embora não se tenha conseguido apurar, através das entrevistas, por que os filtros Santo Antônio e São Jorge levavam esses nomes, deduz-se que era uma tentativa de lembrar e remeter à marca do filtro pioneiro, o São João.

A primeira fase da aglomeração foi, assim, o período da fundação das quatro cerâmicas produtoras de filtros, as quais seriam as mais importantes da cidade nas décadas posteriores: Cerâmica Lamparelli, depois Irmãos De Stéfani (fabricante do Filtro São João), Santo Antônio Produtos Cerâmicos (Filtro Santo Antônio), Irmãos Pinto Ltda. (Filtro Redentor), Cerâmica Nossa Senhora Aparecida (Filtro São Jorge). Somando-se as

---

<sup>5</sup> Esta seção está baseada em entrevistas e em informações da “Estatística Industrial do Estado de São Paulo” e dos livros de “Lançamentos do Imposto de indústria e profissões da Câmara de Jaboticabal”.